



# Resenha de *Situação Valorativa do Positivismo*

www.delfimsantos.org

Euryalo Cannabrava (1939)

*O Jornal*, Rio de Janeiro I - 02.04.39; II - 16.04.39; III - 23.04.39 - Letras Estrangeiras  
Delfim Santos - *Situação Valorativa do Positivismo*, 1938.

## I

Há logo nas primeiras páginas desse livro, uma observação muito interessante sobre o prestígio das matemáticas entre os não-matemáticos. O escritor português quer referir-se ao valor que uma ciência, em certas circunstâncias, pode assumir perante aqueles que não dominam inteiramente os seus princípios e que não podem medir todo o alcance de suas leis. É fato notório que o verdadeiro perito ou especialista não se caracteriza somente pelo conhecimento que revela da extensão e da importância de um determinado setor científico, pois o técnico se distingue sobretudo pela perfeita noção dos limites, das lacunas e das omissões da disciplina a que dedica o seu mais puro entusiasmo.

Não pretendo referir-me, entretanto, à admiração acrítica e irracional do leigo que não tem elementos para justificar a sua posição perante uma ciência e que, muito menos, poderá sentir as imperfeições e as falhas de um determinado ramo do conhecimento. O que interessa agora observar é a atitude dos homens de pensamento que, não se dedicando profundamente a uma especialidade como as matemáticas, são levados, sem notar, ao exagero de uma adesão irrestrita a tudo que se apoie nos princípios da demonstração algébrica ou do raciocínio geométrico. É muito difícil que o homem de pensamento, cuja formação não foi puramente matemática, possa adotar uma posição crítica diante dos enunciados absolutos e universais dessa ciência positiva. Verifica-se assim, com frequência, que o filósofo não-especialista, embora revele seguros conhecimentos no domínio das ciências matemáticas, não hesita em fazer afirmações que o técnico puro considera absurdas e muitas vezes sem sentido.

Nenhum exemplo poderia ilustrar melhor essa observação do que o de Herbert Spencer, filósofo enciclopédico e imbuído de uma singular dedicação pelos estudos biológicos. O célebre pensador inglês, entretanto, não era um biologista como Darwin e Lamarck, por exemplo, embora possuísse um vasto cabedal de conhecimentos no domínio da ciência da vida. O resultado é que Spencer generalizava a aplicação dos



www.delfimsantos.org

conceitos biológicos com a saudável ingenuidade, isenta de qualquer vestígio de ironia ou de sentido humorístico, que só os filósofos, os bem-aventurados e os poetas costumam ostentar. A sua crença nos postulados biológicos da sua época era tão sólida como a abadia de Westminster ou os fundamentos do império britânico. Não hesitou em subordinar os conceitos da especulação, os princípios da sociologia e as diretrizes da moral a esse falso biologismo que nos parece atualmente quase tão oco e pretensioso como os famosos sermões escoceses dos séculos XVII e XVIII cuja leitura, segundo Burckhardt, provocou uma paralisia geral no historiador Buckle.

O que aconteceu com Spencer em relação à biologia verificou-se com Kant em relação à física e mais tarde com [Wilhelm] Dilthey em relação à psicologia. O filósofo Kant considerava as ciências fundamentais como qualquer coisa de mágico e de prodigioso na esfera da experiência racional. Não sendo criador em física ou nas matemáticas, o pensador de Königsberg submetia o seu sistema aos princípios e leis dessas disciplinas objetivas com a segurança de quem pisa em terreno sólido e se sente amparado por forças inabaláveis. Esse abandono confiante de si mesmo à atração de um sistema científico, essa renúncia, muitas vezes inconsciente, à crítica e à dúvida metódica, perante o sedutor prestígio de um conjunto de postulados e ideias que se articulam como peças de uma admirável máquina de pensar, revelam que a adesão do espírito mais desinteressado está condicionada por misteriosos fatores de natureza afetiva. O motivo do prestígio da psicologia para Dilthey, que realizou no campo das ciências históricas e culturais o mesmo trabalho de sistematização que Kant realizou no campo das ciências naturais, decorre daquela condição idêntica que leva o filósofo não-especialista a exagerar extraordinariamente a extensão e a importância de uma disciplina que só é válida dentro de certos limites e em certo nível epistemológico.

Todas essas considerações anteriores vêm a propósito do prestígio que a lógica tem assumido ultimamente entre os homens de ciência. Qual a razão desse renascimento dos estudos lógicos? Por que motivo os cientistas se dedicam cada vez mais à análise dos enunciados fundamentais de sua especialidade? Parece que uma das causas dessa preferência pelos temas que dizem respeito às formas ideais do pensamento provém sobretudo daquela poderosa atração que os filósofos não-especialistas sentem por uma disciplina bastante rica de perspectivas e de sugestões valiosas. É por isso que os membros do Círculo de Viena e da Escola de Cambridge, fundadores do neopositivismo, partindo todos eles de uma sólida preparação científica e notáveis, portanto, como especialistas em física, em química e em matemáticas, se encontram por assim dizer desarmados diante dos encantos irresistíveis da lógica formal e da teoria do conhecimento. É interessante que os criadores da logística, por mais profundos que sejam os seus conceitos sobre a estrutura ideal do pensamento, nos pareçam sempre excessivamente confiantes no prestígio de certas formas racionais ou empíricas e inteiramente indefesos diante da sedução da linguagem clara,



da sintaxe evidente por si mesma e de uma suposta emancipação da filosofia dos inúteis postulados metafísicos.

O que espanta sobretudo a nós, leigos em ciência e filosofia, é o desmesurado orgulho desses pensadores de Viena e de Cambridge, que se julgam de posse do único método capaz de resolver todos os problemas do universo. As palavras de um dos iniciados desse movimento, Moritz Schlick, publicadas na revista especializada da Sociedade de Filosofia Empírica de Berlim<sup>1</sup> e da União Ernst Mach, de Viena, têm qualquer coisa de oracular e de profundamente ingênuo ao mesmo tempo. Esse cidadão Schlick anuncia sem mais preâmbulos que estão concluídos os conflitos e as indecisões da filosofia, porque alguns eleitos se acham na posse de um método que permite deslindar todos os casos insolúveis da especulação.

Tal método provém da lógica que se aperfeiçoou modernamente com Frege e Bertrand Russell, atingindo o seu pináculo com o famoso Ludwig Wittgenstein, autor de um único livro, escrito em duas línguas e que contém apenas oitenta e cinco páginas de texto.<sup>2</sup> A maioria desses pensadores, mais ou menos proféticos, procura o caminho que leva ao reino do puramente formal e considera o conhecimento idêntico à expressão que o enuncia, e a verdade a revelação das regras internas de uma sintaxe lógica. A própria ciência se reduz a um conjunto de axiomas ou enunciados empíricos, pois conforme a declaração do grupo de Wittgenstein os limites da expressão devem ser considerados como os próprios limites do universo. Verdadeiro é tudo aquilo que se pode exprimir e que se apresenta revestido de uma significação definida.

É certo, como acentua Delfim Santos, que o neopositivismo já se tripartiu em correntes opostas, defendendo de um lado o empirismo radical, de outro a predominância da sintaxe lógica, e concentrando-se em um último grupo conciliador que pretende fundir as duas posições anteriores no empirismo lógico. Este constitui um dos motivos porque a exposição desse movimento filosófico parece tão árdua e ingrata, pois a unidade primitiva da escola, que seria o reflexo da unidade fundamental da ciência (um dos postulados da logística) desfez-se ao embate das dissensões internas e em consequência da proliferação dos pontos de vista heterodoxos.

Atualmente só restam dos representantes puros e ortodoxos do empirismo lógico que predominou no início do movimento, [Rudolf] Carnap e Otto Neurath. Os outros se dividiram entre as diversas correntes em que se fragmentou uma escola que pretendeu eliminar todas as causas de dissensão e de hostilidade dos diferentes

<sup>1</sup> - Referencia à *Die Gesellschaft für empirische Philosophie*, o círculo do empirismo lógico de Berlim paralelo ao do positivismo lógico de Viena, e no qual pontificou Hans Reichenbach.

<sup>2</sup> Ludwig WITTGENSTEIN (1921) *Logisch-Philosophische Abhandlung*, mais tarde conhecido como *Tractatus Logico-Philosophicus*.



sistemas filosóficos. Parece até irônico que as divergências entre os membros do Círculo de Viena se tenham mostrado ainda mais violentas do que aquelas que geralmente surgem entre os defensores de uma doutrina. Hoje em dia a escola se perde, cada vez mais, nas subtilezas de um formalismo lógico em que desapareceu todo contato com a realidade e a vida, embora ainda perdure a convicção de que o plano da experiência é o único ponto de apoio legítimo para os enunciados da filosofia.

A distinção intransigente entre o que se pode reduzir aos dados empíricos, isto é, entre o que se pode verificar através dos órgãos dos sentidos, e o que constitui objeto de crença metafísica (um representante da logística diria entre os enunciados protocolares e os enunciados de profecia) não se pôde manter, pelo menos em sua forma primitiva. A ortodoxia neopositivista não pôde evitar que através dos interstícios das fórmulas rigidamente controladas pela experiência objetiva e pelas regras inalteráveis da lógica sintática, se intrometesse um germen de especulação metafísica que a pureza da escola não poderia nunca admitir.

Nesse sentido o admirável livro de Delfim Santos nos oferece uma exposição crítica dificilmente superada por qualquer outra publicação estrangeira. Não poderia em uma crônica apenas assinalar os pontos fundamentais desse livro e as passagens merecedoras de uma crítica mais profunda, mas em artigos posteriores pretendo dizer tudo o que me parece excelente e tudo o que me parece menos bom nessa obra trabalhada por uma dialética acurada.

Desejaria ainda salientar que o ensaio crítico do escritor português nos faz refletir sobre os enganos, os exageros e as omissões de uma escola ortodoxa que pretendeu reformar toda a filosofia pelo esclarecimento de seus conceitos e pela expulsão de qualquer resíduo metafísico, mas é certo que ele nos obriga também a sentir quanto contribuiu o método da logística para eliminar questões sem sentido e para coibir o abuso da formulação de problemas em termos absurdos ou inverificáveis. É possível que o emprego exagerado de símbolos matemáticos e a extensão inadequada dos princípios físicos tenham tornado a nova lógica bastante sibilina e inoperante, pelo menos como método de filosofar. Compreende-se igualmente que a afirmação de que os enunciados lógicos são sempre tautológicos, isto é, que eles valem por si mesmos e que nada podem exprimir, pareça uma confissão de impotência, uma espécie de suicídio intelectual e de niilismo especulativo que convém combater por todos os meios. O que salva entretanto a logística de uma condenação categórica é justamente a sua vigorosa e sadia defesa da experiência, a sua incisiva demonstração do valor da linguagem e da necessidade de volta aos dados puros e objetivos.

Não se pode negar à logística um esplêndido trabalho de limpeza ou de eliminação, no campo da filosofia, de diversos enunciados insustentáveis, de múltiplos



paradoxos e de muitas questões sem sentido que só serviam para tornar o simples conhecimento uma operação obscura e sujeita a incontáveis retificações.

## II

A logística pretende em última análise proporcionar aos enunciados científicos a garantia de uma expressão rigorosa e inatacável. Esse objetivo poderá parecer exageradamente modesto aos que não têm o hábito de refletir sobre os problemas da filosofia e da ciência. Mas ele exprime na verdade uma aspiração excessiva e um ideal dificilmente realizável. A linguagem foi sempre um instrumento de dois gumes para os homens interessados em traduzir por conceitos, enunciados e símbolos a estrutura da realidade e do universo. Clarificar os conceitos, eliminar acidentes e acessórios que obscurecem o sentido lógico das proposições e destruir os resíduos metafísicos, os remanescentes líricos que prejudicam o processo do conhecimento científico, talvez constitua o plano mais audacioso e revolucionário da filosofia moderna.

Esse plano nos parece muito ousado, justamente porque surge em uma época sedenta de misticismo e de metafísica, em um período histórico que se caracteriza pela exaltação das crenças primárias e dos mitos irracionais, em uma certa fase do progresso social que favorece a irrupção das reservas líricas dominadas por um século de civilização material e de racionalização das indústrias.

É em uma tal situação histórica que a logística aparece para exigir que a linguagem exprima apenas aquilo que a sua estrutura sintática pode e deve exprimir, eliminando tudo o que a intuição, a sensibilidade e a fantasia pretenderam subrepticamente intrometer no problema do conhecimento objetivo. Dessa maneira se definiu claramente um dos propósitos fundamentais do neopositivismo que foi o de retirar dos enunciados científicos pela aplicação da análise lógica o que eles realmente contêm e só admitir como certas as noções que se possam reduzir ao plano físico da experiência sensível.

Essa última afirmação necessita um esclarecimento pois é preciso saber que o neopositivismo ortodoxo adota como base ou sistema de referência a linguagem da física, e que pretende rejeitar qualquer enunciado que não tenha como garantia a possibilidade de verificação imediata e atual. De acordo com essa corrente radical do positivismo só é verdadeiro o que pode ser percebido, o que constitui objeto de uma operação que se utilize dos órgãos dos sentidos. Os dados sensoriais passam assim a constituir os únicos elementos absolutamente verdadeiros e o único plano da realidade em que a razão poderá assentar os alicerces das suas construções rigorosas.

O absurdo evidente dessa conclusão, que não leva em conta a precariedade e a insegurança das nossas percepções, provocou dissídio entre os representantes graduados do positivismo. A subordinação do critério da verdade à simples e imediata verificação dos sentidos pareceu a alguns adeptos da escola uma excelente teoria para



justificar as críticas mais severas que até hoje foram feitas ao círculo de Viena e Berlim. A dissensão manifestou-se vigorosamente não só quanto ao conceito de verdade como também em relação às noções de sentido e verificação. Tornou-se inevitável o choque entre os que acreditavam na possibilidade de fundamentar todos esses conceitos (verdade, sentido e verificação) na simples experiência e os que julgavam ser imprescindível o recurso à análise sintática ou à interpretação puramente lógica. A esse propósito o escritor Delfim Santos lembra que alguns matemáticos positivistas procuraram deduzir o conceito do verdadeiro do acordo ou coesão das proposições entre si, ao passo que os adeptos radicais da experiência protestaram contra essa solução que evita satisfazer a exigência de recondução aos fatos. Foi então que surgiu a opinião extrema, defendida por [Hans] Reichenbach, de que a verdade nada mais era do que um falso problema. Considerar a verdade uma questão sem sentido constitui o mais ousado princípio até hoje defendido pelo neopositivismo.

O famoso Wittgenstein, figura estranha de pensador que é tão avaro de escritos como profundo de ideias, afirmou que os enunciados tinham três valores: verdadeiro, falso e sem sentido. A afirmação de que certo conceito ou proposição não tem sentido constitui um dos recursos mais eficientes da dialética empregada pela logística. Trata-se de uma nova dimensão na escala dos critérios estimativos que permite eliminar sumariamente da filosofia e da ciência uma série enorme de problemas difíceis, incômodos e paradoxais. Foi o que se verificou com o problema da verdade, cuja interpretação varia de acordo com a doutrina, a teoria ou o ponto de vista que se adote.

Para diversos filósofos a verdade é a coerência entre as proposições, para outros é o acordo entre a realidade e o pensamento, entre as coisas do mundo exterior e os dados sensoriais. Diversos criadores de sistemas especulativos subordinam a verdade à noção do útil e do eficiente sob o ponto de vista prático, enquanto que alguns se esforçam por demonstrar matematicamente que verdade significa apenas probabilidade igual a um. Diante dessa confusão doutrinária, a declaração de que a verdade se reduz a um enunciado artificial e falso pode parecer, sem dúvida, a melhor solução para um problema excessivamente intrincado.

A generalização dessa atitude perante as questões da metafísica e da teoria do conhecimento veio permitir uma série enorme de soluções equivalentes. O positivismo nada mais fez do que exigir uma espécie de passaporte epistemológico a todo enunciado que pretenda ingressar no reino das proposições certas e indubitáveis. Nada poderá passar sem que demonstre possuir a chancela da experiência, a rubrica da sintaxe lógica e a marca inconfundível do simbolismo matemático. Nenhuma conclusão da metafísica, da história e da sociologia que não se reduza em última análise a um enunciado analítico, isto é, matematicamente demonstrável, ou a um





enunciado sintético, isto é, verificável pela experiência imediata, poderá jamais alcançar o privilégio de passar por ser uma proposição científica.

O crítico português a esse respeito reproduz um trecho de Wittgenstein que impressiona pela sua expressão sincera e honesta. Trata-se de uma confissão heroica, como diz Delfim Santos, em que o papa do círculo de Viena declarou que ao seu tratado filosófico constituído por proposições meramente elucidatórias não se deve atribuir sentido algum. É curioso como os representantes do neopositivismo se viram na contingência de sacrificar as suas próprias obras para ficarem coerentes com os princípios da doutrina. Somos obrigados a reconhecer que essa atitude constitui um raro exemplo de estoicismo, mas que infelizmente não contribui em nada para esclarecer o fundo problemático da realidade. A condenação do neopositivismo tornou-se assim uma consequência inevitável das próprias premissas adotadas pelos seus criadores.

O leitor reconhece que são vários os motivos que impõem a difícil tarefa de estudar a logística mais profundamente do que o tem feito a maioria dos seus expositores. As dúvidas e os problemas levantados por essa corrente filosófica exigem uma revisão completa de todas aquelas convicções fáceis e de todos aqueles falsos convencionalismos que a preguiça de aprofundar as próprias ideias depositou no fundo instável da nossa consciência filosófica. Os neopositivistas realizam uma espécie de sacudidela nos frágeis alicerces das teorias gratuitas e dos postulados destituídos de rigor lógico.

Há um aspecto do positivismo (que Delfim Santos, aliás, não chega a discutir) muito significativo para esclarecer essa proposição pragmática ou behaviorista em face dos temas da teoria do conhecimento. Trata-se de uma opinião defendida por Moritz Schlick a respeito do objeto da filosofia que, ao contrário do que pretende a ciência, não poderá constituir em um sistema de enunciados sobre a verdade, mas somente em um sistema de atos ou de atividades que elucidam o sentido das proposições. A filosofia se confunde assim com a ação de elucidar ou esclarecer os temas pela simples recondução aos fatos, aos dados puros e aos objetos sensíveis. Essa posição radical perante o conceito de filosofia tem a vantagem de eliminar definitivamente qualquer preocupação com o conteúdo das qualidades ou a essência das coisas, isto é, afasta qualquer intuito de exprimir o que não se pode exprimir e anula a constante ameaça dos falsos problemas e das questões sem sentido que se eternizam na especulação.

Não se poderia mais admitir a existência de uma filosofia como um ramo independente do conhecimento desde que a atividade especulativa se reduz apenas a tornar as questões fáceis, simples e acessíveis. Desapareceria mesmo qualquer razão para se conservar a filosofia como disciplina autônoma ou subordinada às ciências porque ela nada mais significa do que a elucidação dos conceitos e axiomas da ciência



através da análise lógica. O instrumento adequado para essa tarefa, como diz Rudolf Carnap, seria portanto a nova lógica ou a logística.

O desaparecimento da filosofia, no sentido clássico ou tradicional dessa palavra, seria a última consequência do desaparecimento da metafísica dedutiva. Criavam-se assim uma nova hierarquia, uma nova ordem e um novo plano para a atividade construtora do pensamento. Realizava-se uma espécie de desbaste, de modificação e de poda de tudo que a incapacidade para o raciocínio livre e para a verdadeira crítica de ideias vem acumulando incessantemente nos diversos sistemas filosóficos. A árvore da ciência se libertaria dos ramos e galhos ressequidos e mesmo de um excesso de folhagem que não deixa penetrar os raios de sol até o tronco e as raízes.

É esse programa dos neopositivistas que nos oferece um claro e heroico exemplo de radicalismo cientificista e de aversão intelectual pelo jogo brilhante das teorias, pela dialética ingênua dos sistemas especulativos e pela abundância das soluções metafísicas para os problemas que pertencem exclusivamente à esfera da experiência. Mas o neopositivismo não se dá conta de que dessa maneira ele combate apenas uma espécie de metafísica e não a metafísica. Os seus argumentos ferem em cheio um certo abuso do pensamento discursivo, denunciam vigorosamente uma aptidão muito desenvolvida em certos filósofos de falar no vazio, de construir na areia e de misturar com proveito as coisas diretas e elementares.

Nada disso quer dizer, entretanto, que a investigação das essências, a pesquisa dos valores e das qualidades, a especulação sobre a origem e o fim da existência devam desaparecer da filosofia como questões absurdas e sem sentido. Pelo contrário, o que nos parece certo (como verificaremos ainda na próxima crônica) é que essas “questões sem sentido” constituem a permanente garantia de que o pensamento filosófico não se abastarde em servo incondicional da experiência, da teoria científica e do esquematismo lógico. Eis porque não seria paradoxal ou inconsequente se afirmar que esses problemas destituídos de qualquer significação para o positivismo são o único penhor da independência da filosofia e da dignidade e elevação do próprio pensamento humano.

### III

É natural que muita gente, ouvindo falar em neopositivismo, indague quais são as ligações desse movimento com os princípios fundamentais da filosofia de Auguste Comte. Torna-se necessário portanto salientar que a logística ou o neopositivismo nada têm de comum com os postulados do fundador da religião da humanidade. O credo neopositivista deriva diretamente do empirismo de Hume, do simbolismo lógico de Leibniz e da técnica do raciocínio matemático aplicada às formas do pensamento puro que atingiu com [George] Boole, [Gottlob] Frege e [Giuseppe] Peano a sua mais





completa cristalização. As conexões que essa corrente radical do empirismo lógico possa manter com o positivismo de Comte são bastante vagas e pouco significativas.

Mas há um ponto em que o neopositivismo pode ser considerado como verdadeiro prolongamento do sistema de Comte, como sucessor autêntico da doutrina do filósofo francês: é no que diz respeito à condenação formal da metafísica, dos resíduos tenazes da dialética medieval e dos últimos remanescentes da especulação teológica. O neopositivismo, como o seu ilustre antecessor do mesmo nome, procura traduzir na linguagem da física e da matemática tudo aquilo que excede a esfera abrangida por essas ciências, tudo o que por sua natureza escapa à jurisdição dos critérios e das normas objetivas elaboradas por esse grupo de disciplinas fundamentais. A superioridade do neopositivismo em face da doutrina de Comte foi entretanto a de retirar todas as consequências possíveis dos seus postulados básicos, foi a de extrair toda a substância intelectual do radicalismo cético e antimetafísico.

De tal maneira o neopositivismo procurou manter-se coerente com as suas premissas antiespeculativas que a intromissão, no corpo doutrinário da escola de Berlim e Viena, de diversos enunciados metafísicos constituiu, para alguns dos seus adeptos, a confissão aberta da falência do sistema e a comprovação irrecusável do absurdo e da impossibilidade do próprio conhecimento filosófico. Atualmente a escola se encontra diante desse dilema: ou renuncia de vez a sair do domínio da experiência, isto é, só considera verdadeiras as proposições que expressem os dados elementares dos sentidos, ou então introduz corajosamente enunciados que não traduzem fatos experimentais, que dependem de uma comprovação posterior e de uma verificação futura. É nessa oposição entre os enunciados protocolares (cuja verdade é comprovada pelas percepções atuais) e os enunciados de profecia (que não fornecem meios para a verificação imediata da verdade de seu conteúdo) que se baseia a dissensão mais grave e mais profunda de toda a escola.

O empirismo lógico, que constitui a ala ortodoxa e mais representativa da escola, se mantém fiel ao critério de que a verdade é, em última análise, a expressão sintática do fato experimental (Carnap e Otto Neurath) enquanto os dissidentes do movimento declaram a própria verdade um problema sem sentido e admitem a existência legal e científica de vários enunciados que não se subordinam a esses dois tipos clássicos, até agora considerados como os únicos reais ([Hans] Reichenbach).

O empirismo lógico, em sua forma ortodoxa inicial, pretendia assim libertar o enunciado de qualquer influência perniciosa que alterasse o fundo de seu conteúdo, isto é, pretendia encontrar uma forma ideal para traduzir o fato ou o processo em si mesmo. Essa fórmula ideal é fornecida, acima de tudo, por uma ciência que dispõe da estrutura mais perfeita e da linguagem mais rigorosa para exprimir os fatos da experiência.



Trata-se da física que é, sem dúvida, o modelo insuperável, o padrão perfeito do conhecimento objetivo. Para o neopositivista só tem valor científico e filosófico o que se apoia no plano estável da realidade física, ou o que toma como ponto de referência os postulados e os axiomas dessa ciência. Mas (perguntaria alguém interessado nos aspectos lógicos da teoria neopositivista) todo o conhecimento se reduzirá a esse conjunto de enunciados protocolares que têm a percepção e o dado sensorial como garantia de sua veracidade? Os mais ortodoxos representantes da escola conviriam em que será sempre possível deduzir enunciados corolários ou derivados mas conservando-se, em qualquer circunstância, a possibilidade de reconduzi-los aos enunciados primitivos ou aos fatos experimentais. Essa recondução aos fatos constitui um dos pontos básicos de todo o movimento neopositivista ou logístico. Outro ponto fundamental da logística é o que diz respeito ao problema da forma sujeito/predicado e das relações.

Bertrand Russel já havia dirigido as suas baterias de polemista intransigente e radical contra a afirmação absoluta da lógica de que todas as relações possíveis estão condensadas na fórmula sujeito/predicado. De acordo com o filósofo inglês a teoria da predicabilidade não esgota todas as combinações logicamente admissíveis. Ele acredita que o mundo moderno abrange um tão grande número de qualidades e relações que a lógica dualista, isto é, a lógica que admite o tipo de relações de dois termos como o único possível, se mostra incapaz de satisfazer as exigências de uma realidade mais complexa do que os processos empregados para apreendê-la. É o que se conclui das considerações de Russel sobre o método científico em filosofia, através das quais fica mais uma vez evidenciada a sua oposição intransigente à crença tradicional na universalidade da forma sujeito/predicado.

Mas não basta combater a estulta pretensão de reduzir todas as proposições aos termos sujeito e predicado, isto é, o absurdo de se admitir que nenhuma outra relação existe além da que se estabelece entre a coisa e a sua qualidade, pois a lógica moderna exige cada vez mais a substituição dos seus axiomas e conclusões pelos símbolos e fórmulas do cálculo das probabilidades e da análise matemática. É verdade que, para Bertrand Russel, a matemática passa a constituir um capítulo importante da lógica, mas o resultado objetivo de sua crítica é confundir a esfera de aplicação dessas duas ciências.

A reflexão crítica sobre a invasão do simbolismo matemático na lógica moderna nos faz lembrar aquela judiciosa advertência de [Oswald] Külpe sobre a prejudicial confusão de teoria e de técnica em matéria de filosofia. Assim a matemática seria apenas uma técnica fecunda no domínio dos problemas lógicos, pois é pouco provável que as regras de cálculo nos forneçam o esclarecimento necessário da estrutura ideal dos juízos e raciocínios. É preciso não esquecer, acrescenta o



filósofo alemão, que o rigor da demonstração matemática se baseia no próprio desenvolvimento das operações lógicas do espírito.

A logística, além disso, criou uma verdadeira árvore genealógica para os conceitos que são analisados e perquiridos até as suas últimas raízes. A teoria da constituição do positivismo metódico surgiu em consequência da convicção de que todo o conceito a fim de adquirir validade deve reduzir-se a um dado físico ou a um processo do espaço e do tempo. Nenhuma ciência poderá fugir a essa norma, nem mesmo a história, a sociologia e a psicologia. Trata-se de um método aplicável à lógica muito semelhante ao método adotado pelo behaviorismo em psicologia. Aliás essa equivalência epistemológica entre os princípios da logística e as normas elaboradas pelo materialismo metódico da escola behaviorística não escapou aos iniciadores do movimento neopositivista. Como também não passou despercebido a alguns adeptos da logística, entre os quais Otto Neurath, que numa comunicação feita em 1930 à União Ernst Mach acentua a necessidade inadiável de articular o grupo partidário da unidade de todas as ciências com os adeptos do materialismo histórico. Como percebem os leitores, a coerência do neopositivismo com as suas premissas naturalistas tinha que chegar até esse ponto extremo, isto é, a identificação doutrinária com a escola behaviorística e com o sistema de Marx.

De acordo com Neurath, o behaviorismo, defendendo em psicologia o ponto de vista de que o que interessa estudar é a conduta geral do homem, encontra no marxismo o seu equivalente doutrinário, pois segundo o autor de *O Capital* o que interessa sobretudo acentuar são as determinantes da conduta social e econômica do homem. O neopositivismo viria assim completar essa síntese final dos problemas do conhecimento, estabelecendo através da logística as normas inalteráveis de conduta da própria realidade.

Não convém estender ainda mais essa exposição sumária do positivismo atual pois o quadro já se completou por si mesmo e não é possível atenuar a vivacidade das cores e a eloquência expressiva de certas conclusões. Confirma-se assim que o maior mérito do neopositivismo foi demonstrar insofismavelmente que a coerência com as suas premissas básicas leva em linha reta ao absurdo e à impossibilidade filosófica do próprio conhecimento. É o que afirma o jovem pensador português que se revela neste livro um expositor magistral e ao mesmo tempo (coisa rara entre nós brasileiros e lusitanos!) um crítico seguro e com ideias próprias.

Não é possível, como diz Delfim Santos, reduzir o conhecimento à simples apreensão das coisas e dos fatos experimentais, porque conhecer é sempre estabelecer relação de tal objeto com a classe ou gênero a que ele suposta ou realmente pertence, ou com a função que representa em determinado conjunto de outros objetos e relações. Conhecimento só se verifica em função de qualquer coisa que transcende o próprio objeto a conhecer. Verificamos assim que a logística nos conduz a um



absurdo lógico, da mesma forma por que já nos conduziu a uma impossibilidade doutrinária e nos conduzirá, se persistirmos na sua senda, a uma contradição permanente entre o método positivista e a admissão necessária de enunciados proféticos ou metafísicos.

A posição do autor português perante o neopositivismo é bastante crítica, mas desejaríamos que fosse mais explícita em relação aos fundamentos racionais do neopositivismo. Não se pode negar que o simbolismo abstrato e matemático da logística faz presumir um pendor acentuado para o jogo formal das ideias e para a especulação desinteressada que está em oposição com a tendência da escola para só admitir como verdadeiro o que é referendado pela experiência. O empirismo lógico frequentemente se vê a braços com a séria dificuldade de justificar as suas conclusões formais, os seus enunciados abstratos e os seus axiomas puramente racionais com a referência direta aos fatos empíricos que deveriam estar na base dessas conclusões, desses enunciados e desses axiomas.

O resultado de tudo isso é que o positivista, a fim de evitar a contradição ou o afastamento entre o matemático-formal e o empírico, se sente obrigado a renunciar à própria verdade como um problema sem sentido e a afirmar que os princípios científicos e filosóficos são meras tautologias, isto é, que permanecem indiferentes perante o falso e o verdadeiro.

O que importa acentuar sobretudo perante as reivindicações radicais do neopositivismo é que todo o seu sistema se baseia na exacerbação dos preconceitos racionalistas e no falso pressuposto de que a desumanização da ciência e da filosofia indica o caminho que leva às verdades puras e indubitáveis. A consequência mais evidente desse movimento contemporâneo é a expulsão do homem e dos valores antropológicos do centro da investigação científica e filosófica.

Nada do que diz respeito ao destino e à existência do homem poderá jamais interessar aos enunciados frios do positivismo sistemático. O ideal em ciência e filosofia é eliminar completamente do seu domínio qualquer resíduo em que se possa distinguir a vibração longínqua de um sentimento, de uma emoção ou ideal humanos, pois a verdade é a expressão sintática e formal de uma experiência que nada tem de comum com a grandeza e mesquizez da vida.

Euryalo Cannabrava